

## VEM PARA O MURO: CONEXÕES EDUCATIVAS COM A CIDADE E O GRAFITE

COSTA, EDERLAN; COSTA, SILVIA - Universidade Federal do Amapá - Artes visuais

### RESUMO

O artigo vem apresentar pontos reflexivos de uma investigação acadêmica em andamento, influenciada, pela ação impactante e efêmera da tinta no muro. A reflexão que segue, busca debater a ocupação e o uso dos sujeitos com a cidade a partir da arte de rua. O eixo do trabalho passa pela compreensão de que o grafiteiro se apropria do espaço urbano e produzem sentidos no processo de criação e intervenção artística, estética e visual no espaço urbano da cidade de Macapá. As discussões iniciam em forma de introdução que destaca a justificativa a problematização e os objetivos da pesquisa. Neste processo apresento breves reflexões sobre a cidade e a metodologia da pesquisa e por fim, apresento algumas questões que impulsionaram possíveis reflexões de dialogar com conceitos, autores e interlocutores grafiteiros que sentem e fazem a cidade.

**Palavras-Chave:** Cidade, Grafitti, Arte urbana.

### O muro e as possibilidades de sistematização de pesquisa

Este artigo deriva da pesquisa que desenvolvo no Curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Amapá (CLAV/UNIFAP). Os temas que atravessam essa pesquisa remetem as discussões sobre imagem, cidade e educação, cujo tema central é a intervenção artística na rua, especificamente o grafite. Venho aprofundando percepções e entendimentos sobre as ações artísticas nos espaços urbanos não só como uma postura de ativismos ou perspectivas artísticas, mas perceber que tais intervenções são modos de ocupar, usar e fazer a cidade, ou seja, aprendemos a viver e ver a cidade, fazendo-a.

Contudo, dois argumentos comumente atrelado à imagem de grafiteiros parecem elevar e ordenar a ação desses artistas de rua e conseqüentemente ajudam na percepção de que tais ações e intenções de grafitar a cidade merecem respeito e um lugar específico na cidade. O primeiro muito atrelado à técnica, o embelezamento e a revitalização da cidade. E o segundo aspecto, é de que as intervenções de grafiteiros são atos conscientes dimensionados pela ação política. Esses dois aspectos são as questões que problematizam a investigação acerca das intervenções de grafiteiros na cidade de Macapá.

Assim, problematizar a questão e elaborar reflexões ampliadas entorno da ação desses artistas de rua, especialmente na cidade de Macapá questiono: Essas posturas e imagens de ativistas, embelezador, revitalizador, político delegadas aos grafiteiros não seriam hegemônicas e que escondem ou embaçam a participação desses sujeitos na vida cotidiana, sobretudo quando, imagino que essas imagens além de produzir modos de ver e ser visto, não levam em conta a criação, trajetória, sentidos e processos de subjetivação dos sujeitos produtores quando se colocam no espaço urbano?

Nesse processo de feitura, meus objetivos são especialmente de: Compreender como grafiteiros se apropriam do espaço urbano e que sentidos são construídos/produzidos no processo de criação e intervenção artística, estética e visual no espaço urbano da cidade de Macapá que a problemática impulsionou a reflexão pensante de pesquisador. Compreendendo da antropologia dos sentidos e da intervenção sistemática na cidade, pensar sobre e como os a cidade e composta e como os grafiteiros intervêm nessas composições das cidades através de sua participação efetiva na vida urbana.

Procuro interpretar tais ações através de acompanhamentos com os grafiteiros que estampam os muros da cidade na cidade de Macapá. Os encontros já se iniciaram, embora de maneira tímida. Particparei com esses artistas em dois eventos: UNIFAP e UEAP no ano de 2017, porém a sistematização desse acompanhamento será entremeado por encontros participativos com as suas ações/produções pela cidade de Macapá. Ou seja, eu como grafiteiro também sou parte do processo.

A arte de rua vai além de pintura em muro, ela externar sentimentos e relações com a cidade e indivíduos. Buscando a partir das experiências de vidas, marcar as paredes para se comunicar através das subjetividades contidas nos elementos da composição, transgredindo as limitações da cidade.

As manifestações populares, a vida cotidiana, as ruas, os espaços pelos quais transitamos são ocupados por múltiplas visualidades abertas à interação, à construção de sentidos. Nesse processo, precisamos estimular nossa curiosidade para ver, ouvir, perguntar, estabelecer relações, e produzir nossas próprias interpretações e representações do mundo, transpondo, ou, pelo menos, questionando os limites impostos pelas hegemônicas, ou pelas posturas mais acomodadas. (MARTINS, FÁTIMA. 2009, p. 111)

Olhar e sentir o espaço urbano é mais além do que transitar em um espaço. Isso remete ao exercício do olhar, ver e dar sentido ao que olhamos, não pelo discurso, mas pela imagem, especialmente a imagem da arte urbana. A imagem proporciona algo? Essa indagação é o que venho questionando dia a dia, ao escrever este texto, ao encontrar os artistas de rua. De modo que compreender a imagem seja através dos estudos visuais ou de uma postura metodológica é ver a imagem como algo vivo e pensante.

Todas essas são questões muito pertinentes aos estudos culturais em seu encontro com a educação. Elas remetem à cultura entendida como o conjunto das práticas de significação colocadas em jogo nas sociedades, como argumenta Stuart Hall (1997). Tais práticas parecem ser cada vez mais centrais para entendermos nossa atuação na cena social, cotidiana, em tempos de produção de imagens e de uma ação participativa dos sujeitos sociais.

### Referências

- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p.15-46, jul./dez. 1997.
- Naves, R. O silêncio
- MARTINS, Alíce Fátima. *Educação na Cultura Visual: Narrativa de ensino e pesquisa*. In: MARTINS, Raimundo, TORRINHA, Irene (orgs). Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2009. 272p.